

**ANITA MALFATTI E A REFLEXÃO
SOBRE O ESPAÇO FEMININO NA ARTE:
UMA ANÁLISE DO LIVRO INFANTIL
*ACONTECEU ÀS 19:22***

**ANITA MALFATTI AND THE REFLECTION ON WOMEN'S
PLACE IN ART: AN ANALYSIS OF THE CHILDREN'S
BOOK *ACONTECEU ÀS 19:22***

Goimar Dantas de Souza¹

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP), membro do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (FFLCH-USP-CNPQ). Jornalista, roteirista e escritora. Para mais informações, acesse: www.goimardantas.com.br.

RESUMO: Este artigo investiga o modo como a pintora Anita Malfatti, uma das expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922, ressurge no texto dramático para crianças, publicado em livro, *Aconteceu às 19:22*, de Anna Carolina Longano. Cem anos após o evento modernista, Malfatti e a menina Annita, uma estudante de 8 anos do século XXI, rompem a barreira do tempo, encontram-se, e originam uma reflexão sobre o espaço das mulheres na arte.

PALAVRAS-CHAVE: Semana de Arte Moderna; Anita Malfatti; Anna Carolina Longano; teatro; pintura.

ABSTRACT: This paper investigates the way in which the painter Anita Malfatti, one of the exponents of the Modern Art Week of 1922, resurfaces in the dramaturgical text for children, published in book form, “Aconteceu às 19:22” by Anna Carolina Longano. One hundred years after the modernist event, Malfatti and the girl Annita, an 8-year-old student of the 21st century, break the barrier of time, meet, and originate a poignant and sensitive reflection on the space of women in art.

KEYWORDS: Modern Art Week; Anita Malfatti; Anna Carolina Longano; theater; painting.

INTRODUÇÃO

O diálogo profícuo interartes possibilita um sem-número de trabalhos de naturezas diversas. São obras calcadas nas interlocuções intersemióticas observadas em artistas cuja necessidade de expressão explode em constelações capazes de render criações voltadas a públicos distintos. Neste artigo, discorreremos, em especial, sobre como um evento ocorrido há um século, a Semana de Arte Moderna de 1922, serviu de centelha para que a escritora, atriz, professora e pesquisadora Anna Carolina Longano – bacharel em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, mestra pelo Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, no qual também realiza seu doutorado – trouxesse à luz o seu *Aconteceu às 19:22*, dramaturgia infantil feminista transposta para livro.

A obra foi publicada de forma independente pela produtora artística Cia. Ruído Rosa, cocriada por Longano e por Vítor Freire – também bacharel em Artes Cênicas pela ECA –, que assina a edição do livro. A ideia do texto nasceu a partir de um edital público do governo federal, de setembro de 2018 – o Prêmio de Incentivo à Publicação Literária, cujo tema era *100 Anos da Semana de Arte Moderna de 1922*, que teve como vencedor o texto de Longano.

O projeto ainda foi selecionado no edital do Programa de Ação Cultural (ProAC) Expresso Lei Aldir Blanc (LAB), do governo do Estado de São Paulo, no final de 2020, com o qual a autora recebeu o Prêmio por Histórico de Realização em Literatura, tanto devido à criação do livro que analisaremos, quanto pela escrita de outras dramaturgias, como *Dia de Mudança*, voltada para crianças, e *Sussurros: o que aconteceu antes do grito*, que aborda o protagonismo da imperatriz Leopoldina nos bastidores da Independência do Brasil, direcionada ao público adulto. O Prêmio possibilitou a Longano, além da publicação de *Aconteceu às 19:22*, a realização do evento de lançamento da obra e a distribuição gratuita de metade da tiragem – doada para fábricas de cultura, bibliotecas e escolas do Estado. Conforme evidencia a autora:

Chamamos de dramaturgia infantil feminista porque é um posicionamento político-social, mas também artístico-estético (...). É uma

dramaturgia feita para crianças, mas traz não só temáticas, pautas e lutas feministas como ferramenta para a produção do texto, como também questões que surgem no feminismo como um campo de estudo, do qual eu parto para a criação desse trabalho².

A obra se utiliza da abrangente moldura das artes para trazer à tona temas como feminismo, o papel da mulher nas artes, opressão de gênero e mudanças entre as épocas nas quais se situam as protagonistas: a pintora Anita Catarina Malfatti (1889-1964) e a menina Annita, cujo nome é uma homenagem à artista modernista e, em 2022, aos 8 anos de idade, enfrenta as críticas de um colega de classe em razão dos aspectos pouco tradicionais de um de seus desenhos.

Por meio desse gancho do enredo, a obra propõe uma pertinente intertextualidade com o polêmico artigo “A propósito da exposição Malfatti”, publicado por Monteiro Lobato no *Estadinho*, a edição vespertina do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 20 de dezembro de 1917, que, no entanto, passou à História com o título “Paranoia ou Mistificação?”. No texto, o escritor critica com veemência a exposição realizada na capital paulista pela pintora. Na realidade, o artigo condenava a estética das artes modernas, como um todo, mas a exposição de Anita acabou servindo como alvo principal da saraivada de argumentos e preconceitos de Lobato.

Para realizar essa análise, recorreremos, em especial, aos textos das historiadoras da arte Marta Rossetti Batista e Aracy Amaral, autoras, respectivamente, de *Anita Malfatti no tempo e no espaço – Biografia e estudo de obra*; e *Artes Plásticas na Semana de 22*; bem como *História do Modernismo Brasileiro – Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, de Mário da Silva Brito.

Consideramos o trabalho de Longano um cruzamento que congrega um sistema plural de linguagens, reunindo pontos de convergência em torno da relação entre narrativas sígnicas distintas e que, nesse texto, dialogam de maneira proficiente.

2 CAPUTO, Gabriela – Dramaturgia mostra Anita Malfatti e a Semana de 22 para crianças – Livro de doutoranda da USP traz conversa entre duas pessoas separadas por 100 anos, mas unidas pela arte. *Jornal da USP*, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/dramaturgia-mostra-anita-malfatti-e-a-semana-de-22-para-criancas/>. Acesso em 25 set. 2022.

A partir da história e da obra da pintora Anita Malfatti, entremeada por sua fundamental participação na Semana de 22, Longano mescla realidade e fantasia, tecendo uma trama marcada pelo trânsito entre pintura, teatro e literatura. Lembremos que o texto sobre a obra de Malfatti nasce como peça teatral que foi transposta para livro, em evidente flerte da autora com a literatura e suas possibilidades de circulação e recepção. Essa riqueza dialógica abre possibilidades instigantes de pesquisas e análises, conforme vemos em Nitrini:

Um bom procedimento consiste em estudar a obra em todos os seus momentos e antecedentes, nas suas relações com a história política e a história das artes, enfim, a totalidade de seu ser ou da síntese histórico-estética. (...) deter-se em similaridades de procedimento não constitui uma limitação do método, mas um passo acertado num estudo com visada teórica mais abrangente sobre a relação entre literatura e pintura. (NITRINI, 2000, p. 22-260).

De acordo com o texto da biografia da autora, exposta na segunda orelha da obra objeto desta investigação, todas as suas peças trazem meninas e mulheres como protagonistas. Longano explica que seu objetivo é: “(...) pesquisar sobre as mulheres brasileiras do passado, escrever para as meninas do presente e trabalhar para um mundo melhor para as pessoas do futuro”

Entendemos que as pautas feministas propostas pela autora, ancoradas em textos voltados ao público infantil, são mais do que bem-vindas em um mundo onde ainda predomina o sistema patriarcal, o machismo e as tantas opressões advindas desses contextos. Lembremos que, do ponto de vista histórico, os papéis reservados às mulheres eram inversamente opostos aos sonhos e ambições de grande parte dessas representantes do sexo feminino, muitas delas artistas que viram sua existência podada pelas expectativas sociais das épocas em que viveram. Algumas dessas expectativas foram descritas de modo categórico pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), como demonstra a historiadora Michelle Perrot:

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a

vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que deve ensinar-lhes desde a infância. (PERROT, 2019, p. 92).

A narrativa de Longano propicia aos leitores contemporâneos entrar em contato com uma mescla das visões e experiências das protagonistas, cujas épocas nas quais se situam possuem cem anos de diferença. Em seus encontros, tão estimulantes quanto inusitados, a pintora e a estudante discorrem sobre temas como intolerância, reconhecimento e espaço de meninas e mulheres na arte e na sociedade.

Com uma escrita ágil e pleno domínio do estilo dramaturgico, a obra tem início com uma apresentação na qual a autora elucida aos leitores como a narrativa se utiliza de esquemas e estruturas típicas da linguagem teatral na condução do enredo. Um exemplo: o desenvolvimento da história ocorre, predominantemente, por meio de diálogos entre os personagens, indicados por seus nomes, inseridos sempre em letras maiúsculas, antes de cada uma das falas.

Longano também traz à tona o significado e o uso das rubricas, que servem para indicar onde se passa a história ou mesmo esclarecer o que os personagens estão fazendo enquanto conversam. A autora expõe aos leitores, ainda, que o texto trará, aqui e ali, destaques em negrito, indicando personagens e contextos que o leitor poderá pesquisar mais a fundo, caso deseje encontrar pinturas, fotos e outros documentos relativos à Semana de Arte Moderna de 22, seus artistas e obras. Um recurso que percebemos como uma divertida proposta de *hiperlink*, que, na internet, permite uma ligação, por meio de uma área clicável, entre um trecho/palavra de um texto lido, com outros textos que podem servir de referência ou complemento àquele primeiro.

Na sequência, uma página contendo os nomes dos personagens e uma minibiografia de cada um. Por fim, temos a *Cena 1*, na qual, através de uma espécie de portal, aberto entre os dias 12 e 17 de fevereiro de 2022, sempre às 19 horas e 22 minutos, a artista plástica Anita Malfatti, no local em que afirma ser seu quarto, depara – sem saber como – com a garota Annita, estudante, que, por sua vez, teima ser proprietária do quarto. Esse primeiro encontro se dá em 12 de fevereiro de 2022, ano em que comemoramos cem anos do advento da Semana de Arte Moderna de 1922.

Os encontros entre a artista e a menina são interrompidos quando ambas caem

no sono. No dia seguinte, ao acordarem, cada uma se vê novamente no seu mundo. A partir disso, acompanhamos o dia a dia da estudante em sua sala de aula, nas conversas com a mãe, com a professora e com os amigos. Já no que se refere à pintora, os leitores têm acesso à sua rotina em relação à Semana de Arte Moderna quando a própria artista narra esses acontecimentos para a estudante Annita.

A MULHER DE CABELOS VERDES DO SÉCULO XXI: NOVOS TEMPOS, VELHOS QUESTIONAMENTOS

Embora esteja vivendo cem anos à frente da pintora, a menina vem enfrentando problemas na escola porque, em um de seus desenhos, retratou sua professora com “cabelos verdes”. O trabalho é referência clara à obra *A mulher de cabelos verdes*, de Anita Malfatti (1915/16, óleo s/ tela, 61 x 51 cm), um dos trabalhos icônicos de sua fase expressionista mais original, inventiva e celebrada, produzida durante seus estudos em Nova York. Durante esse período de aprendizado, Malfatti estudou na Art Students League e na Independent School of Art, sendo que, nessa última, teve por professor Homer Boss, um mestre que, nas palavras da pintora, era: “um filósofo incompreendido e que deixava os outros pintar à vontade”. (BRITO, 1958, p. 38).

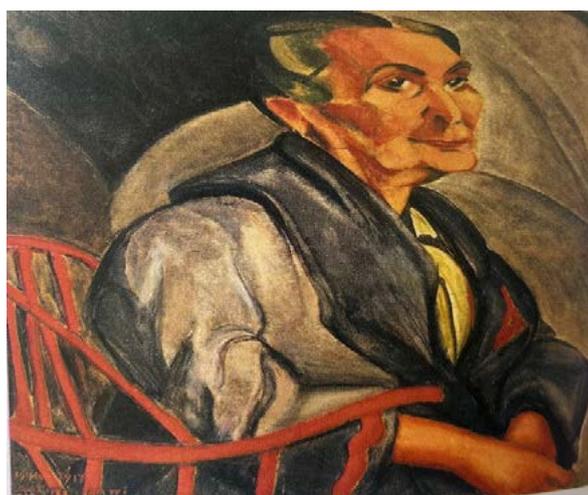


Figura 1: *A mulher de cabelos verdes*

(Imagem digitalizada pela autora, extraída do livro de Marta Rossetti Batista, p. VIII do caderno de fotos).

Boss, descrito por Mário da Silva Brito como um professor romântico, anárquico e libertário, sabia incutir nos alunos a confiança em si mesmos. Seus métodos eram pautados nos estudos ao ar livre, sem horários fixos ou outras obrigações típicas de escolas e cursos tradicionais. Os modelos que frequentavam as aulas iam, vinham e se posicionavam obedecendo aos desejos dos estudantes (BRITO, 1958, p. 38). Foi na Independent School of Art que Anita conheceu artistas como Isadora Duncan, Máximo Górkki, Marcel Duchamp, dentre outros. Como nos mostra Marta Rossetti Batista, esses estudos e experiências influenciaram a produção de Malfatti:

(...) as figuras distanciavam-se da arte “imitação da natureza”. As cabeças são formas compostas na superfície limitada da tela de duas dimensões, não são uma cópia do retratado. A cor é colocada na superfície, completando ou compondo a forma, não é uma imitação do tom da carnação do retratado. Os títulos que atribui às obras (em 1917) – *O homem de sete cores*, *A mulher de cabelos verdes*, *O homem amarelo* – são elucidativos, mostrando também a assimilação das novas correntes – *Impressão divisionista*, *Impressão de Matisse*, *Nu cubista*. (BATISTA, 1998, p. 159).

O fato é que, em pleno século XXI, o desenho da menina Annita é tratado com deboche por um dos colegas de classe, o aluno Enzo Monteiro. Personagem cujo sobrenome deve ser pronunciado, uma vez que há outros três estudantes com o mesmo prenome. Para evitar confusão, os três têm de ser chamados por nome e sobrenome – estratégia da autora para evidenciar o sobrenome do escritor Monteiro Lobato, na qual o garoto é inspirado.

MONTEIRO Mas ninguém tem cabelo verde, professora, isso é ridículo!

PROFESSORA Enzo Monteiro!

MONTEIRO É verdade, professora! Você disse que era um desenho do que a gente estivesse vendo!

ANNITA E eu vejo o cabelo da prô assim!

MONTEIRO Se você vê o cabelo da professora verde, você tem problema de visão.

ANNITA Quem tem problema é você! Problema de imaginação! (LONGANO, 2021, p. 16).

Quando a estudante narra esse episódio à pintora, Malfatti demonstra incredulidade: “É verdade, isso? Em 2022? Cem anos depois e as pessoas ainda ficam bravas com isso? Eu realmente pensei que teríamos evoluído um pouco mais em cem anos...” (LONGANO, 2021, p. 29).

Monteiro Lobato, escritor e assíduo colaborador da imprensa, publicava seus artigos no jornal *O Estado de S. Paulo* e na *Revista do Brasil*, veículos nos quais exercia sua pena “violenta e sem temores”. (BATISTA, 2006, p. 187). Como crítico de arte, defendia o academicismo e, na mesma medida, se horrorizava com o que costumava chamar de “ismos”: futurismo, impressionismo, cubismo. A época, o estilo expressionista com o qual Malfatti deparou e, entusiasmada, assimilou em suas aulas na Alemanha e nos EUA, ainda não era conhecido no Brasil. Para Lobato, tudo o que era novo e desprovido de tradição ganhava a alcunha de “futurismo”.

No texto no qual ridicularizou as obras da exposição de Anita Malfatti em 1917, o criador da boneca Emília chegou ao extremo de comparar os trabalhos da pintora com obras produzidas por pacientes de hospitais psiquiátricos:

Embora eles se deem como novos, precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e a mistificação. De há muito já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto lógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura. (BATISTA, 2006, p. 205).

Acreditamos que teria sido interessante o livro de Longano mencionar que, apesar de o artigo de Lobato ter sido cruel com a arte de Malfatti, a exposição individual da pintora, em 1917, deve muito à criação da tela *O saci*, que Anita submeteu, no início daquele mesmo ano, ao concurso intitulado justamente de *Saci*, idealizado por ninguém menos que o autor de *Reinações de Narizinho*.

O objetivo de Lobato era valorizar costumes, hábitos e personagens nacionais, ideia que ganhou força com o seu “inquérito nacional sobre o Saci”, veiculado através

do *Estadinho*, que recebia depoimentos de leitores de todo o País, contendo referências sobre como o saci era descrito e imaginado nas diversas regiões brasileiras. Que diabruras executava pelos campos? Quais suas características? Como era sua figura de acordo com os moradores dessas regiões? O inquérito foi um sucesso, a ponto de permanecer em evidência durante todo o ano. Em março de 1917, conforme relata Marta Rossetti Batista, o jornal *O Estado de S. Paulo* anunciava: “O terreno está preparado para abirmos um concurso artístico por meio do qual o diabinho da carapuça penetre triunfalmente nas artes plásticas”. (BATISTA, 2006, p. 188).

O inquérito chamou a atenção dos artistas, dentre os quais, Malfatti, que lia os artigos de Lobato por considerá-los “avançados para o meio, como declararia mais tarde”. (BATISTA, 2006, p. 189). Instigada, submeteu ao concurso uma tela que trazia a aparição do Saci em uma estrada de terra, espantando um cavaleiro solitário. A pintora adotou uma perspectiva não realista para o trabalho, de acordo com os conhecimentos adquiridos nos estudos fora do país.



Figura 2: *O saci*, (Imagem digitalizada pela autora, extraída do livro de Marta Rossetti Batista, p. 189).

No primeiro plano da tela, observamos o cavaleiro e seu cavalo, envoltos por uma nuvem de poeira. Ladeando a estrada, uma moita de bambu na qual vemos o saci pendurado no alto, na extremidade de uma das hastes da planta. A artista não

utilizou “(...) abstrações ou deformações angulares, mas sim (...) deformações expressivas para construir o movimento geral da obra, todo ele voltado para a aparição”. (BATISTA, 2006, p. 189).

Lobato detestou o trabalho:

A sra. Malfatti deu sua contribuição em *ismo*. Um viandante e o seu cavalo, em pacato jornada por uma estrada vermelha, degringolam-se numa crise de terror ao deparar-se-lhes pendente duma vara de bambu uma coisa do outro mundo (...). Gênero degringolismo. Como todos os quadros do gênero *ismo*, cubismo, futurismo, impressionismo, marinetismo, está *hors-concours*. (BATISTA, 2006, p. 191).

O comentário do autor, do qual reproduzimos um trecho, é o mais longo dentre os relatos escritos por ele sobre os trabalhos apresentados ao concurso. Nem mesmo a obra vencedora, *O saci e a cavalhada*, de Ricardo Cipicchia, mereceram tantas linhas da famosa pena lobatiana. É notável como a pintora conseguia causar impressão no escritor e convocá-lo à ação.

A avaliação negativa de Lobato acabou chamando bastante atenção para a tela de Anita, provocando burburinho na imprensa e despertando, entre os jornalistas, curiosidade sobre a artista. Foi o caso de Arnaldo Simões Pinto e do pintor Di Cavalcanti, que, à época, também atuava nos meios de comunicação impressos. Ambos foram à casa da pintora para conhecer as obras produzidas no exterior e as quais a própria família da artista criticava. O encontro, rememorado por Malfatti, se mostraria essencial à realização da exposição de 1917:

Foram eles que me entusiasmarem a fazer uma exposição, que eu não queria mais fazer em virtude da opinião negativa dos que me rodeavam. (Quanto) mais eu recalcitrava, mais eles insistiam. E venceram. (BATISTA, 2006, p. 194).

É como se as primeiras palavras de Lobato em relação à obra de Anita tivessem impulsionado a exposição que, pouco depois, ele viria a criticar. Uma ligação, no mínimo, intrigante, e que resultou em um passo crucial para os desdobramentos da história profissional e pessoal de Malfatti. Compreendemos ser importante ressaltar

que as opiniões polêmicas do escritor em “Paranoia ou Mistificação?” também viriam acompanhadas de afirmações em relação à veia talentosa da pintora:

Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida para má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se, de qualquer daqueles quadrinhos, como sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um sem-número de qualidades inatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma sólida individualidade artística. (BATISTA, 2006, p. 206).

Ao voltarmos à obra de Longano, deparamos, no entanto, com outras tantas referências à vida de Malfatti. Um exemplo é a existência, na classe da menina Annita, do “grupo dos cinco”, composto por seus amigos Júlia, Carol, Laura e Vítor. Trata-se de mais uma interlocução com a vida da pintora expressionista. Isso porque, no segundo semestre de 1922, Anita passou a integrar uma turma formada por Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia. A trupe entrou para a História como o “grupo dos cinco”:

As duas pintoras e os três escritores tornaram-se inseparáveis neste segundo semestre do ano do Centenário – e da Semana e da revolução do forte de Copacabana – e se auto-denominaram “o grupo dos cinco” (...). “Parecíamos uns doidos em disparada por toda a parte na ‘Cadillac’ de Oswald, numa alegria delirante, à conquista do mundo para renová-lo. Era a Paulicéia Desvairada em ação”, lembraria Tarsila. (BATISTA, 2006, p. 292-3).

Importante lembrar que o ano de 1922 marcava o Centenário da Independência do Brasil. Àquela altura, o País apresentava um cenário desprovido de inovações: a maioria da população era analfabeta, sem acesso à educação formal. Já a elite era composta, na maior parte dos casos, por proprietários de fazendas de café que desconheciam as vanguardas e movimentos artísticos que despontavam na Europa. Assim, a arte e a cultura bailavam com trajes e passos ultrapassados, à medida que reproduziam cenas e coreografias consideradas superadas pelos jovens artistas que transitavam pelo universo das artes na capital paulista.

Em contrapartida, viviam-se as primeiras décadas de um novo tempo. Um século que se mostrava afeito às novidades surgidas no enalço das descobertas científicas e dos avanços nos meios de transporte. Época propensa, portanto, à velocidade, à comunicação e à tecnologia, apta a vivenciar a magia do cinema, a dinâmica das transmissões por rádio, os deslocamentos por automóveis e aviões. Era, definitivamente, um ciclo que abria suas alas para a mudança.

Estimulada por esse contexto, nasceria a *Semana de Arte Moderna*. O evento ocorreu nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, com a participação direta e indireta de um grupo de artistas cuja atuação faria a diferença nas artes nacionais. Embora fossem personalidades talentosas provenientes de áreas heterogêneas como literatura, pintura, escultura e música, todos tinham um objetivo comum: revitalizar o panorama artístico brasileiro. (DANTAS, 2014, p.105-6).

A IMPRESCINDÍVEL PRESENÇA DE ANITA³

Anita Malfatti é considerada uma das personalidades mais importantes da Semana de 22, tendo sido fundamental à existência do evento propriamente dito. É o que nos conta Mário da Silva Brito, que se referiu à artista como “O estopim do modernismo” (BRITO, 1958, p. 35). O vanguardismo da exposição individual da pintora em 1917 contribuiu para que, cinco anos depois, a Semana acontecesse em solo paulistano. Para Menotti del Picchia: “Anita Malfatti foi chefe da vanguarda na arrancada inicial do movimento modernista da pintura de São Paulo. Sua arte mereceu a honra consagradora do martírio: foi recebida a pedradas”. (BRITO, 1958, p. 63).

Dentre os artistas visuais presentes na Semana, Anita Malfatti, com um total de 20 obras expostas, era a estrela maior, como explica Aracy Amaral:

A precursora do movimento abre, no catálogo, a seção de pintura, com a maior representação individual da exposição, evidente

3 Trecho em itálico baseado no título de Aracy Amaral para um dos textos que compõem seu livro *Artes Plásticas na Semana de 22*.

homenagem e reconhecimento por sua presença catalisadora (...) O que abalaria o público da Semana nas obras desta pintora seriam, contudo, as mesmas características que estremeceram o ambiente de 1917 nas suas pinturas “mais Anita”: a cor descompromissada, o traço-pincelada gestual, o entrosamento do segundo com o primeiro plano numa valorização igualitária de ambos, os diversos planos da figura simplificados conferindo um máximo vigor em sua grafia, a dramaticidade de seu estilo numa exaltação emocional nunca antes vista entre nós e que fazem de telas como *O farol* e *A boba*, exemplares, sem dúvida, da melhor pintura até hoje já realizada no Brasil. (AMARAL, 2021, p. 172-4).

O livro *Aconteceu às 19:22*, intercalando fatos em torno da vida e da obra de Anita Malfatti antes e depois da Semana, apresenta uma narrativa repleta de informações, intertextualidades e conexões com temas variados. Nesse sentido, o texto pode contemplar, também, aos adultos que admiram a pintora e poderão se deleitar com o jogo proposto pela autora, que compõe sua história utilizando referências explícitas – e outras nem tão evidentes – em torno das experiências de Malfatti. Caberá aos leitores de todas as idades encontrar as pistas dispostas entre o universo real e ficcional.

Um exemplo dessas referências nem tão explícitas está, a nosso ver, no comportamento da professora da menina Annita. Não raro, a educadora costuma chamar a atenção de Enzo Monteiro quando o aluno passa do ponto nas provocações dirigidas à protagonista. Mas, vez ou outra, a educadora se mostra passiva. Uma atitude semelhante à da família da pintora e à da maioria dos veículos de imprensa de 1917, que não defenderam, de imediato, a artista, quando da publicação do artigo hostil de Lobato. Dentre os amigos mais próximos da pintora, a primeira defesa veio com o texto “A exposição Anita Malfatti”, de Oswald de Andrade, publicado em 11 de janeiro de 1918 (BATISTA, 2006, p. 223). cremos que os sentimentos de tristeza, frustração e solidão que, ao que tudo indica, acometerem a pintora, encontra paralelo na obra de Longano no trecho a seguir:

ANNITA O Monteiro foi um idiota e a professora não fez nada!
MÃE O que você queria que ela fizesse?
ANNITA Sei lá... Queria que ela não tivesse deixado ele ser um idiota. Ou pelo menos falasse algo legal do meu desenho. Eu desenhei ela com o maior carinho! (LONGANO, 2021, p. 17).

As alusões a respeito do contexto das mulheres na arte e das diferenças de comportamento nas épocas em que vivem as protagonistas dão sabor à trama. Em determinada passagem do texto, quando Malfatti e a estudante se encontram no quarto pela primeira vez, demonstram perplexidade e, confusas, se fazem diversas perguntas ao mesmo tempo, até que a pintora dispara: “O que você, uma menina, está fazendo em meus aposentos?” Ao que a garota responde: “Eu perguntei primeiro!”. Anita Malfatti, aturdida, contra-argumenta: “Eu sou mais velha!”. (LONGANO, 2021, p. 22). O trecho é uma referência à prioridade de tratamento e de respeito que as pessoas de mais idade costumavam receber das mais jovens.

O embate e a confusão inicial logo se dissipam e as protagonistas travam, a partir daí, uma amizade bonita, sincera, baseada na troca e no aprendizado mútuo. A pintora dá conselhos à menina sobre seus conflitos com Enzo Monteiro e relembra, de maneira direta, mas sensível, a tristeza vivida após a crítica escrita por Monteiro Lobato.

Na sequência, Malfatti demonstra insegurança com a abertura da Semana de Arte Moderna e com a repercussão que o evento teria. A menina tenta acalmá-la, pois, por meio de pesquisas feitas na internet – realizadas quando a estudante está longe da pintora –, já viu que o saldo do evento será, anos depois, mais do que positivo, histórico.

Aliás, todas as vezes em que a narrativa menciona a rede mundial de computadores, faz isso chamando a atenção de Malfatti sobre o tema, sem tampouco apresentar-lhe diretamente essa invenção revolucionária. Com esse artifício, Longano mantém um equilíbrio interessante entre passado e presente, impedindo que a menina entregue à Malfatti todos os dados disponíveis sobre sua vida e os desdobramentos de sua carreira. Certa feita, a estudante diz: “Eu queria te mostrar tudo o que mudou, mas li na internet que era melhor não mostrar tudo pra uma pessoa do passado, pois ela poderia ficar doida com tanta informação”. (LONGANO, 2021, p. 40). Em outro trecho em que a garota cita o ciberespaço, Malfatti questiona: “De novo essa tal de internet? Onde fica essa internet? Tem de tudo lá?”. (LONGANO, 2021, p. 63).

Mesmo tendo boas ferramentas à disposição, a estudante opta por realizar suas pesquisas sobre a Semana de Arte Moderna somente até certo ponto:

“(...) Algumas coisas são difíceis de pesquisar, não tem muita foto daquela época, ninguém fez um vídeo de vocês... (...) comecei a ler sobre o que tinha acontecido no primeiro dia, mas não vi o que vai acontecer nos outros dias!” (LONGANO, 2021, p. 40).

Ao saber disso, a pintora quer saber por que Annita não deu sequência às apurações, ao que ela responde: “Porque eu queria que você me contasse! É bem mais legal saber por você do que pelos outros! E aí, o que vai acontecer amanhã?”. (LONGANO, 2021, p. 40).

Conversa vai, conversa vem, a pintora toma conhecimento de algumas notícias fundamentais à compreensão do impacto de seu trabalho. Malfatti se dá conta, por exemplo, de que, cem anos depois, transformou-se em uma artista respeitada por público e crítica, cujos quadros estão expostos em museus. Também descobre que seu primeiro nome está, mais do que nunca, na boca do povo, mas não só graças à sua arte e aos cem anos da Semana. A menina revela à pintora que há uma cantora brasileira jovem e famosa cujo nome é: Anitta.

Um dos relatos da estudante, em especial, deixou atônita a artista modernista: saber que a professora de Annita, bem como seus colegas de classe, desconheciam a crítica de Lobato sobre o seu trabalho. Gradativamente, Malfatti compreende que a força de sua arte rompeu as barreiras do tempo e prevaleceu. O mesmo ocorreu com Lobato, cultuado por sua criação mais bem-sucedida: o Sítio do Picapau Amarelo e seus personagens.

Na outra ponta, a artista presenteia a menina com descrições detalhadas sobre a Semana, dando margem a algumas das passagens mais engraçadas do texto. Até porque, ao saber de alguns problemas, inseguranças ou dúvidas enfrentadas pelos modernistas, a estudante oferece à pintora soluções e opiniões criativas capazes de ajudá-los. Tais conselhos, vindos de uma criança “do futuro”, fazem com que a pintora leve essas ideias aos amigos, que as acatam e as inserem no contexto da Semana de 22.

Um exemplo é a passagem em que a estudante sugere que o poema *Os sapos*, de Manuel Bandeira, o qual a menina acha divertidíssimo, deve ser declamado na Semana, ao invés de ficar exposto para ser lido. Malfatti rebate alegando que em 1922 ninguém costumava ler poemas na frente do público e, de qualquer jeito, Bandeira

estava em uma de suas crises e não iria à Semana. A garota, então, provoca: “Então pede para outra pessoa ler!”. A pintora, persuadida, repensa: “Vou falar com o Ronald⁴ amanhã, acredito que ele teria essa audácia”. (LONGANO, 2021, p. 52).

De outra feita, Malfatti demonstra preocupação porque o maestro Heitor Villa-Lobos está com um calo inflamado a ponto de não conseguir colocar o sapato. Ousada, a menina sugere que o famoso maestro use um chinelo no pé que apresenta o problema. A princípio, a pintora reluta, mas logo é convencida de que a ideia poderá salvar a noite. Como vemos, o texto de Longano incentiva a autonomia e a inventividade infantis, obedecendo aos contextos das situações ocorridas nos dias 13, 15 e 17 de 1922. É o que demonstra o seguinte diálogo:

ANNITA E por que ele não usa chinelo?
ANITA MALFATTI Annita, minha querida, como um maestro pode reger alguma coisa de chinelos?
ANNITA Ué, mas ele usa os pés ou as mãos para reger?
ANITA MALFATTI Bem, faz sentido...
ANNITA E vocês preferem que ele não apareça ou que apareça de chinelo?
ANITA MALFATTI Fico com medo da repercussão que isso daria. Imagina? Um maestro sem sapatos?
ANNITA Já sei. Ele está com calo num pé só, né? Então, em um pé ele usa sapato e no pé machucado ele usa chinelo!
ANITA MALFATTI Eu acho essa ideia um horror! Um absurdo! Aposto que Heitor irá adorar... (LONGANO, 2021, p. 68).

A estudante acrescenta que, caso precise, Villa-Lobos pode usar um guarda-chuva para se equilibrar, como se fosse uma bengala. Então relata que, certa vez, seu amigo Vítor, do grupo dos cinco, caiu da árvore e quebrou um braço e uma perna. Para ajudar no equilíbrio, usava um guarda-chuva como bengala. Ao ver o amigo nessa situação, Laura, também integrante do grupo, achou a cena cômica, pois o colega acidentado ficou com uma perna e um braço grandes – por causa dos gessos –, enquanto a cabeça seguia pequena. Então, Laura desenhou o colega nesses moldes.

4 Ronald de Carvalho.

Um desenho, por sinal, bem parecido com o “Abaporu”, uma das obras mais famosas de Tarsila do Amaral. A menina Annita guardava o desenho consigo e mostrou à pintora, que avaliou: “Que desenho interessante! Tarsila iria adorar essa ideia. Annita, permite-me ficar com esse desenho?”. (LONGANO, 2021, p. 70).

Conforme as protagonistas ganham intimidade, vão adensando essas trocas e conversas a respeito da vida de cada uma delas e, claro, sobre a Semana de Arte Moderna, que, de certa forma, será espelhada na escola de Annita, por meio de apresentações dos alunos sobre arte. As discussões em torno do espaço da mulher como profissionais e artistas crescem quando a menina questiona se Anita Malfatti foi a única representante do sexo feminino a participar da semana. A pintora explica que Tarsila do Amaral estava, à época, fora do Brasil, mas que houve, sim, outras mulheres, como Eugênia Álvaro Moreyra e, ainda, as demais que estavam na plateia. (LONGANO, 2021, p. 38).

Vale registrar que a participação de Eugênia, jornalista feminista que compunha o grupo de intelectuais e artistas cariocas que apoiava a realização da Semana (AMARAL, 2021, p.17), não se deu por meio de contribuições artísticas. Nesse quesito, houve outras participantes que também poderiam ter sido citadas na obra. São elas: a pintora mineira Zina Aita, que expôs 8 trabalhos na Semana (BATISTA, 2006, p. 280-1); a pianista Guiomar Novaes, “(...) querida do povo brasileiro e consagrada fora do país” (BATISTA, 2006, p. 279), que apresentou 4 solos de piano em 15 de fevereiro (BATISTA, 2006, p. 287); Yvonne Daumerie, também presente no dia 15, com um número de dança (BATISTA, 2006, p. 286); a pianista Lucília Villa-Lobos e, por fim, a violinista Paulina D’Ambrósio. (AMARAL, 2021, p. 135).

As questões em torno das diferenças entre os contextos das mulheres na sociedade nesses cem anos que separam as protagonistas chegam ao ápice quando a pintora demonstra espanto ao saber que a mãe da estudante é advogada, separou-se do pai da menina e casou-se novamente.

ANITA MALFATTI Espere! O que você está me dizendo? Sua mãe é advogada?

ANNITA Sim.

ANITA MALFATTI E isso não é um problema?

ANNITA Não. Ela gosta bastante de ser advogada (...).

ANITA MALFATTI Sua mãe é advogada, casou de novo (...). Algumas coisas mudaram para melhor! (LONGANO, 2021, p. 39-40).

Quando o assunto é trabalho, vale destacarmos algo que – talvez pela brevidade que caracteriza os livros para as crianças – ficou de fora do livro de Longano. Trata-se da luta por sobrevivência travada por Malfatti durante grande parte de sua vida. Se na infância a situação financeira da família da pintora era tranquila, devido ao trabalho do pai, Samuel Malfatti, como engenheiro, após a morte do patriarca, em 1901, tudo ficaria mais difícil. Anos depois, a artista passa a receber auxílio do tio e padrinho, Jorge Krug, para os estudos que realizaria na Europa (1910-1914) e nos Estados Unidos (1914-1916) – ajuda que perderia ao retornar ao Brasil com telas que o tio considerou “dantescas”. (BATISTA, 2006, p.179).

Anos mais tarde, em 1923, aos 33 anos, a pintora finalmente receberia a cobiçada bolsa de estudos do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo, a qual já havia solicitado, sem sucesso, em 1914 e 1921. A bolsa permitiu à pintora viajar à Europa e se aperfeiçoar por lá durante cinco anos. Afora essas situações, a artista precisou trabalhar duro, como professora, tanto no Mackenzie College, quanto dando aulas particulares. Também produzia ilustrações para revistas e realizava retratos sob encomenda. Para chamar atenção do público, imprimia folhetos de propaganda, os quais enviava pelos Correios, publicava anúncios em jornais (oferecendo aulas e confecção de retratos) e organizava, em sua casa, exposições de Natal, que ocorreram algumas vezes entre os anos de 1930 e 1950. (BATISTA, 2006, p. 401).

Embora a situação de Malfatti não fosse tão dramática quanto a de muitas pintoras que a antecederam, é possível deduzir que tantos trabalhos por encomenda ou mesmo aulas ministradas em boa parte da vida colaboraram para afastá-la da produção artística por longos períodos. As dificuldades inerentes às artistas plásticas são lembradas por Michelle Perrot:

A vida cotidiana das mulheres pintoras não era fácil. O ateliê é um mundo de homens no qual elas só são admitidas como modelos. Como não dispõem de meios para ter um ateliê, pintam num canto

de seu apartamento e não têm dinheiro para comprar os materiais necessários. (PERROT, 2019, p.103).

As conversas em torno das dificuldades pelas quais passou a pintora para expressar sua arte nos primeiros anos do século XX despertam na estudante Annita o desejo de realizar um trabalho escolar reverenciando as artistas brasileiras, que, em geral, não receberam o enaltecimento merecido.

Durante o processo de pesquisa, Annita aguça suas percepções a respeito da difícil trajetória dessas mulheres, quando afirma:

Eu descobri que existem muitas, muitas mulheres artistas aqui no Brasil que são compositoras. E cantoras. E pintoras. E poetas. E eu não conhecia. Mas o que fiquei triste é que levei a lista (...) e quase ninguém na sala conhecia também. (LONGANO, 2021, p. 78).

Outro tópico abordado pela autora diz respeito à atrofia congênita de Anita Malfatti na mão e braço direitos. Por toda a vida, a pintora usou um lenço sobre essa mão que apresentava a deficiência e, ao se dar conta do acessório, a menina Annita questiona a pintora. A artista revela a atrofia e explica que não consegue fazer tudo o que quer com a mão direita. A estudante, então, pede permissão à Malfatti para falar sobre essa deficiência da artista na apresentação que fará na escola. Ao questionar à menina sobre por que deseja tocar nesse assunto com os colegas de classe, a estudante responde: “Ué, pras pessoas saberem de você! Saberem como era de verdade, saberem que mesmo uma grande artista não se acha perfeita”. Ao que Malfatti responde: “Ah, Annita, se tem uma coisa que as pessoas não te deixam esquecer é que você não é perfeita... Pois bem, pode falar sobre isso, sim”. (LONGANO, 2021, p.50-1).

Ao final do livro, os leitores têm acesso a diálogos que explicitam o quanto as interações entre as duas protagonistas foram decisivas para o amadurecimento de ambas. Anita Malfatti rememora, por exemplo, como a crítica de Lobato a deixou triste à época em que tudo aconteceu, mas que, mesmo sob esse impacto, cinco anos depois, ela e seus amigos concretizaram a Semana de Arte Moderna. Por fim, completa: “Quem saberá o que teremos conseguido fazer nos próximos anos?” (LONGANO, 2021, p. 80). A questão formulada pela pintora traz confiança no futuro, esperança e

desejo de ação. Logo em seguida, a menina informa que um grupo de estudos será criado em sua escola com o objetivo de realizar pesquisas sobre as mulheres brasileiras que se dedicaram às artes.

ANNITA (...) cada mês iremos falar de uma mulher.
E sabe quem será a artista do mês que vem?
ANITA MALFATTI Não!
ANNITA Uma tal de Anita Malfatti, você conhece?
(LONGANO, 2021, p. 80).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A publicação de Longano chama a atenção para a importância de trazer uma artista da estatura de Anita Malfatti para os pequenos leitores do século XXI, tão carentes de informações não apenas sobre os artistas da Semana de Arte Moderna de 1922, mas sobre artistas brasileiros como um todo, em especial, às pertencentes ao sexo feminino. Personalidades muitas vezes ausentes das publicações, arquivos, museus, diálogos, debates e reflexões que ocorrem dentro e fora das salas de aulas.

Os esforços para divulgar as histórias dessas mulheres, seja escrevendo peças teatrais, seja publicando livros que dialogam com as crianças e jovens contemporâneos, são, mais do que louváveis, necessários à constituição de novas gerações cientes do papel das mulheres que se devotaram à arte brasileira, nas suas mais variadas linguagens e instâncias.

Nesse contexto, o livro *Aconteceu às 19:22*, por intermédio da história de Anita Malfatti, convida os leitores a conhecerem e se orgulharem das trajetórias e lutas das inúmeras artistas que nos precederam em tantas batalhas – a despeito de séculos de opressão social e silenciamento, pautados pelo desrespeito e absoluto desprezo em relação ao imenso potencial feminino.

Cabe à literatura e às artes promover reflexões potentes como as do livro de Anna Carolina Longano, propiciando, por sua vez, o protagonismo que, há tempos, as figuras femininas merecem. Que essas iniciativas sigam se multiplicando sem, no entanto, precisarmos esperar por efemérides – em especial as que demandam cem anos de espera.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Aracy A. *Artes plásticas na Semana de 22* – 5ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora 34, 2021.
- BATISTA, Marta Rossetti. *Anita Malfatti no tempo e no espaço – Biografia e estudo de obra*. São Paulo: Editora 34; Editora Edusp, 2006.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- DANTAS, Goimar. *Rotas literárias de São Paulo*. Editora Senac São Paulo, 2014.
- LONGANO, Anna Carolina. *Aconteceu às 19:22*. Ilustrador: Lauro Freire. São Paulo: Cia. Ruído Rosa, 2021.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada – História, Teoria e Crítica*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2ª ed. São Paulo. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2019.